ria-prima utilizada na formulação de fertilizantes é importada.

A melhora esperada para o segundo semestre não chegará a provocar um crescimento na produção, que deve recuar de 5% a 8%. No ano passado a produção foi de 14,7 milhões de toneladas e a indústria emprestou US$400 milhões para os produtores – mas deverá emprestar bem menos na atual safra.

### *Defensivos*

De acordo com as estatísticas do Sindicato de Defensivos Agrícolas (Sindag), no primeiro semestre as vendas de defensivos caíram mais de 20%. É uma quebra no ciclo recente de expansão no faturamento do setor, que vinha em 20% ao ano.

Para o ano todo as empresas esperam que a queda não seja superior a 20%. A inadimplência continua alta. Estima-se que a indústria tenha emprestado US$1,7 bilhão para os agricultores adquirirem seus produtos. Desse montante, de 25% a 30% estão ainda em aberto para serem quitados.

### *Tratores*

Entre os meses de janeiro e julho, conforme as estatísticas da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), as vendas totalizaram 15,4 mil unidades, enquanto em igual período de 1998 foram comercializadas 14,6 mil unidades. Para fechar 1999, espera-se que girem cerca de 20 mil tratores, o que representa um acréscimo de 7,5% sobre as vendas do ano passado, de 18,6 mil. Na área de exportação, comparando os embarques do primeiro semestre, foram registradas 2,1 mil unidades – uma queda de 63,2%, em comparação com 1998.

**SAFRA DE VERÃO III**

# *Sem dinheiro no bolso*

***Com o poder de compra reduzido e crédito escasso, os agricultores brasileiros se preparam para o plantio da próxima safra***

**ANDRÉ PESSÔA**



André Pessôa *é engenheiro agrônomo pela Universidade Federal de Viçosa, MG, mestre em Economia Agrícola pela USP/Esalq, sócio consultor da Agroconsult Ltda. e assessor de Economia da Associação Brasileira de Marketing Rural.*

O plantio da safra de grãos 1999/00 será marcado pelos efeitos da desvalorização do real e do ambiente desfavorável de preços de *commodities* no mercado internacional. Internamente a desvalorização do real em cerca de 50% trouxe como reflexos mais importantes a elevação da renda nominal dos produtores brasileiros e a elevação nominal dos custos de produção.

### *Resultados líquidos*

Decorrido um semestre da alteração da política cambial, já é possível fazer um balanço mais preciso do resultado líquido em termos de preços relativos decorrente desse processo.

Num primeiro momento imaginava-se que a elevação dos preços em reais (ganho nominal) seria significativamente maior que a provável elevação dos custos de produção. Isso teria sido possível, pois boa parte dos itens de custo de produção é cotada em reais (salários, depreciações, manutenção de equipamentos, impostos, assistência técnica, custos administrativos etc.).

Neste cenário, o forte impacto da desvalorização sobre insumos semi ou totalmente dolarizados como fertilizantes, defensivos e sementes teria sido atenuado pela pequena alteração nos preços dos itens em reais. Os impactos líquidos variariam de lavoura para lavoura de acordo com o peso relativo de cada item no custo total. Dessa forma a soja, que usa intensamente insumos dolarizados, se-

## Soja: área plantada e produção

Mil ha, mil t

| | Área plantada | | | | Produção | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | 1997/98 (a) | 1998/99 (b) | 1999/00 (c) | Var % (c)/(b) | 1997/98 (a) | 1998/99 (b) | 1999/00 (c) | Var % (c)/(b) |
| RS | 3.169 | 3.050 | 2.800 | -8,2 | 6.605 | 4.534 | 5.320 | 17,3 |
| PR | 2.848 | 2.760 | 2.650 | -4,0 | 7.285 | 7.731 | 7.288 | -5,7 |
| MT | 2.643 | 2.639 | 2.250 | -14,7 | 7.227 | 7.465 | 6.075 | -18,6 |
| GO + DF | 1.419 | 1.363 | 1.175 | -13,8 | 3.495 | 3.485 | 2.815 | -19,2 |
| MS | 1.118 | 1.068 | 900 | -15,7 | 2.319 | 2.753 | 2.250 | -18,3 |
| MG | 563 | 576 | 500 | -13,2 | 1.278 | 1.343 | 1.100 | -18,1 |
| SP | 527 | 514 | 480 | -6,6 | 1.028 | 1.382 | 1.200 | -13,2 |
| BA | 554 | 580 | 530 | -8,6 | 1.188 | 1.150 | 981 | -14,7 |
| SC | 217 | 221 | 200 | -9,4 | 512 | 479 | 450 | -6,0 |
| MA + PI + TO | 216 | 541 | 255 | 6,0 | 434 | 562 | 604 | 7,4 |
| Total | 13.274 | 13.011 | 11.740 | -9,8 | 31.371 | 30.883 | 28.082 | -9,1 |

Fonte: Agroconsult.

## Milho de verão: área plantada e produção

Mil ha, mil t

| | Área plantada | | | | Produção | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | 1997/98 (a) | 1998/99 (b) | 1999/00 (c) | Var % (c)/(b) | 1997/98 (a) | 1998/99 (b) | 1999/00 (c) | Var % (c)/(b) |
| PR | 1.457 | 1.530 | 1.650 | 7,8 | 5.438 | 5.800 | 6.353 | 9,5 |
| RS | 1.514 | 1.491 | 1.550 | 4,0 | 4.450 | 3.238 | 4.340 | 34,0 |
| MG | 1.263 | 1.267 | 1.300 | 2,6 | 3.709 | 3.880 | 4.030 | 3,9 |
| SC | 767 | 780 | 800 | 2,6 | 2.580 | 2.738 | 2.960 | 8,1 |
| SP | 697 | 793 | 820 | 3,5 | 2.487 | 2.922 | 2.952 | 1,0 |
| GO + DF | 484 | 630 | 730 | 15,8 | 1.997 | 2.942 | 3.279 | 11,5 |
| BA | 294 | 353 | 360 | 2,1 | 492 | 755 | 900 | 19,1 |
| MS | 151 | 211 | 220 | 4,3 | 558 | 951 | 946 | -0,5 |
| MT | 158 | 192 | 220 | 14,5 | 453 | 677 | 726 | 7,3 |
| ES+RJ | 73 | 70 | 70 | 0,4 | 162 | 159 | 161 | 1,5 |
| NE - BA | 1.472 | 1.704 | 1.835 | 7,7 | 403 | 1.126 | 1.275 | 13,3 |
| NO | 601 | 664 | 684 | 2,9 | 863 | 1.012 | 1.084 | 7,1 |
| Total | 8.931 | 9.684 | 10.239 | 5,7 | 23.592 | 26.200 | 29.006 | 10,7 |

Fonte: Agroconsult.

## Arroz: área plantada e produção

Mil ha, mil t

| | Área plantada | | | | Produção | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | 1997/98 (a) | 1998/99 (b) | 1999/00 (c) | Var % (c)/(b) | 1997/98 (a) | 1998/99 (b) | 1999/00 (c) | Var % (c)/(b) |
| RS | 869 | 990 | 900 | -9,1 | 3.595 | 5.585 | 4.770 | -14,6 |
| MT | 364 | 764 | 820 | 7,3 | 776 | 1.802 | 2.009 | 11,5 |
| SC | 119 | 127 | 130 | 2,7 | 635 | 760 | 709 | -6,8 |
| GO + DF | 134 | 207 | 232 | 12,1 | 215 | 354 | 429 | 21,3 |
| MG | 181 | 161 | 170 | 5,7 | 332 | 305 | 315 | 3,2 |
| SP | 60 | 71 | 75 | 5,6 | 131 | 127 | 150 | 18,3 |
| MS | 60 | 72 | 75 | 4,2 | 197 | 266 | 248 | -7,0 |
| MA + PI | 576 | 592 | 630 | 6,3 | 447 | 740 | 684 | -7,5 |
| ES + RJ | 14 | 14 | 14 | 3,7 | 36 | 36 | 38 | 4,7 |
| PR | 83 | 83 | 80 | -3,3 | 178 | 182 | 180 | -1,0 |
| NE - MA e PI | 133 | 155 | 169 | 9,2 | 273 | 339 | 382 | 12,5 |
| NO | 567 | 618 | 671 | 8,6 | 930 | 1.073 | 1.262 | 17,7 |
| Total | 3.159 | 3.852 | 3.966 | 2,9 | 7.743 | 11.568 | 11.174 | -3,4 |

Fonte: Agroconsult.

ria mais sacrificada do que o café, onde a mão-de-obra é o principal item de custo. De maneira geral, os custos variáveis teriam aumentado entre 35% e 40% e os custos totais entre 15% e 25%.

### *Renda agrícola*

Do lado da renda agrícola esperava-se um comportamento bastante favorável para os produtos voltados ao mercado externo como soja, açúcar, suco de laranja e café, suficiente para compensar ou até mesmo suplantar a elevação média de custos.

Entretanto alguns fatos impediram a materialização deste cenário róseo: queda acentuada nos preços externos de alguns produtos importantes na formação da renda agrícola como soja e laranja (-30%), café (-40%) e açúcar (-50%); retardamento da comercialização da safra por parte dos produtores, que não aproveitaram os preços mais altos em reais praticados logo após a desvalorização; ambiente recessivo no mercado doméstico, deprimindo preços de produtos típicos de mercado interno, como feijão, arroz, leite e hortifrútis, e finalmente a mudança de estratégia comercial dos parceiros do Mercosul, que em vez de enviarem seu excedente exportável de arroz, algodão e milho para o Brasil na nossa entressafra o fizeram em plena colheita.

O resultado líquido é que a renda sofreu uma evolução de apenas 6% em termos nominais, o que determinou uma sensível piora nos termos de troca do setor agrícola, já que a média de aumento nos custos foi de 17%.

### *Cenário potencial*

Em que pese a mais um bom desempenho da produtividade na última colheita (3%), o setor está

enfrentando uma queda no seu poder de compra em torno de 7% em comparação com a safra 1998/99. Esse menor poder de compra se traduz em menor capacidade de investimento em tecnologia, com recursos originados dentro da própria atividade. Cabe então analisar o quadro de financiamento previsto para fechar o cenário do potencial de plantio na próxima safra.

Do lado do crédito público o governo fez um anúncio de R$13,1 bilhões contra pouco mais que R$9 bilhões da safra anterior. Entretanto o governo vem sistematicamente fazendo anúncios de disponibilidade de recursos que não se concretizam. No ano passado por exemplo, a diferença entre recursos anunciados e liberados foi cerca de 30% a menor. Além disso é bom lembrar que o aumento em reais anunciado fica atenuado pela elevação dos custos de produção.

Existe também o problema do custeio alongado, que permite aos produtores saldarem seus compromissos relativos ao custeio da safra 1998/99 em cinco parcelas de março a novembro. O Banco do Brasil terá portanto sua capacidade de aplicação atrelada ao ritmo de retorno dos empréstimos antigos ao caixa do banco.

O Banco do Brasil emprestou R$6,1 bilhões na safra anterior e pretende emprestar no mínimo a mesma quantia na safra atual, e graças à maior disponibilidade de recursos autorizados pelo Tesouro para equalização de taxas de juros, pode chegar a emprestar R$7 bilhões. Como houve uma ampliação de limite máximo de empréstimo por tomador em várias culturas, é provável que haja uma redução do número de produtores contemplados pelo crédito rural este ano, já que os recursos serão quase os mesmos.

## Algodão: área plantada e produção

Mil ha, mil t

| | Área plantada | | | | Produção | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | 1997/98 (a) | 1998/99 (b) | 1999/00 (c) | Var % (c)/(b) | 1997/98 (a) | 1998/99 (b) | 1999/00 (c) | Var % (c)/(b) |
| MT | 107 | 199 | 250 | 25,8 | 271 | 558 | 750 | 34,5 |
| GO | 187 | 119 | 170 | 42,9 | 260 | 278 | 425 | 52,7 |
| MS | 49 | 44 | 60 | 35,1 | 93 | 113 | 162 | 43,1 |
| BA | 113 | 42 | 60 | 43,9 | 42 | 46 | 72 | 57,2 |
| SP | 122 | 74 | 65 | -11,7 | 191 | 140 | 143 | 2,2 |
| MG | 83 | 52 | 55 | 6,8 | 122 | 79 | 94 | 18,4 |
| PR | 117 | 49 | 35 | -28,6 | 175 | 107 | 88 | -18,2 |
| NE - BA | 88 | 107 | 109 | 2,2 | 17 | 71 | 88 | 24,3 |
| NO | 5 | 3 | 4 | 37,9 | 4 | 3 | 4 | 42,9 |
| Total | 869 | 687 | 808 | 17,5 | 1.176 | 1.395 | 1.825 | 30,9 |

Fonte: Agroconsult.

## Feijão das águas: área plantada e produção

Mil ha, mil t

| | Área plantada | | | | Produção | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | 1997/98 (a) | 1998/99 (b) | 1999/00 (c) | Var % (c)/(b) | 1997/98 (a) | 1998/99 (b) | 1999/00 (c) | Var % (c)/(b) |
| PR | 460 | 504 | 450 | -10,7 | 379 | 421 | 315 | -25,1 |
| MG | 220 | 237 | 200 | -15,6 | 131 | 168 | 130 | -22,6 |
| BA | 341 | 444 | 400 | -9,8 | 50 | 180 | 160 | -10,9 |
| SC | 169 | 170 | 150 | -12,0 | 117 | 167 | 135 | -18,9 |
| RS | 145 | 150 | 130 | -13,4 | 96 | 130 | 98 | -25,0 |
| CE | 446 | 557 | 550 | -1,2 | 41 | 178 | 193 | 8,3 |
| SP | 72 | 94 | 80 | -14,7 | 87 | 99 | 88 | -11,1 |
| ES + RJ | 16 | 16 | 15 | -5,1 | 11 | 12 | 11 | -3,4 |
| CO | 33 | 56 | 39 | -30,2 | 46 | 93 | 57 | -38,1 |
| NE-BA e CE | 295 | 367 | 285 | -22,3 | 28 | 99 | 99 | 0,5 |
| NO | 2 | 2 | 2 | -11,8 | 1 | 1 | 1 | 50,0 |
| Total | 2.196 | 2.596 | 2.301 | -11,4 | 984 | 1.545 | 1.286 | -16,7 |

Fonte: Agroconsult.

## Safra brasileira de grãos

Mil ha, mil t

| | Área plantada | | | | Produção | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | 1997/98 (a) | 1998/99 (b) | 1999/00 (c) | Var % (c)/(b) | 1997/98 (a) | 1998/99 (b) | 1999/00 (c) | Var % (c)/(b) |
| Soja | 13.274 | 13.011 | 11.740 | -9,8 | 31.371 | 30.883 | 28.082 | -9,1 |
| Milho | 8.931 | 9.684 | 10.239 | 5,7 | 23.592 | 26.200 | 29.006 | 10,7 |
| Feijão | 2.196 | 2.596 | 2.301 | -11,4 | 984 | 1.545 | 1.286 | -16,7 |
| Algodão | 869 | 687 | 808 | 17,5 | 1.176 | 1.395 | 1.825 | 30,9 |
| Arroz | 3.159 | 3.852 | 3.966 | 2,9 | 7.743 | 11.568 | 11.174 | -3,4 |
| Total | 28.428 | 29.830 | 29.053 | -2,6 | 64.867 | 71.591 | 71.374 | -0,3 |

Fonte: Agroconsult.

### *As fontes privadas*

O crédito privado, que tem sido importante fonte complementar de financiamento dos agricultores, também vai sofrer redução este ano. O setor de defensivos agrícolas, que em 1999 financiou cerca de 2/3 de suas vendas (US$1,75 bilhão), teve que renegociar boa parte dos seus contratos, invariavelmente implicando descontos do valor a receber, restando ainda cerca de 20% de contas em aberto.

O fato implicará revisão da política de crédito dessas empresas, que devem reduzir o volume de financiamento e aumentar a seletividade na sua concessão. O setor de fertilizantes, que dispunha de prazo de 400 dias para pagar suas importações de matéria-prima, utilizava essa fonte de recursos para financiar cerca de 15% de suas vendas, soma que chegou a mais de US$400 milhões em 1998. Este ano, com a redução

## Evolução recente da renda agropecuária no Brasil (R$ bilhões)

| Grupos | Renda 1997 | Renda 1998 | Renda 1999 | Var % 1998/97 | Var % 1999/98 | Var. abs. 1999/98 |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Lavouras | 27,20 | 28,70 | 30,40 | 5,60 | 6,00 | 1,70 |
| Pecuária | 18,50 | 19,10 | 24,00 | 3,10 | 25,20 | 4,80 |
| Total | 45,70 | 47,80 | 54,40 | 4,60 | 13,70 | 6,60 |

Fonte: Agroconsult.

## Evolução recente da agricultura

| Anos | PIB lavouras real | Relação de troca | Crédito (t-1) /PIB | Área colhida | Prod. da área | Poder de compra | NPK (t-1) /área | Poder de compra (t-1) |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1980 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 91,6 |
| 1985 | 127,8 | 107,8 | 50,6 | 103,6 | 123,3 | 132,9 | 86,9 | 106,7 |
| 1990 | 121,5 | 98,2 | 46,6 | 101,3 | 120,0 | 117,8 | 108,1 | 123,9 |
| 1994 | 141,5 | 120,1 | 91,5 | 103,1 | 137,3 | 164,9 | 114,8 | 144,1 |
| 1995 | 141,4 | 101,8 | 73,2 | 102,1 | 138,5 | 141,0 | 138,7 | 164,9 |
| 1996 | 140,4 | 99,6 | 80,0 | 99,9 | 140,5 | 139,9 | 118,5 | 141,0 |
| 1997 | 144,8 | 108,0 | 85,0 | 102,3 | 141,4 | 152,7 | 135,0 | 139,9 |
| 1998 | 149,4 | 109,9 | 86,1 | 101,3 | 143,5 | 157,8 | 137,3 | 152,7 |
| 1999 | 156,2 | 103,3 | 84,4 | 104,3 | 146,8 | 151,7 | 140,0 | 157,8 |

Fonte: Agroconsult.

do prazo médio de importação para apenas 180 dias, o setor deve reduzir a praticamente zero seu volume de financiamento aos produtores.

Por último, as *tradings* que fornecem crédito na compra antecipada de grãos, em especial soja, café e açúcar, também devem reduzir o volume de financiamento em função do aumento do risco e da redução dos preços externos desses produtos. Espera-se, portanto, uma redução entre 15% e 25% do total de crédito oriundo do setor privado para o financiamento da safra de verão, com reflexos diretos na capacidade de investimento dos produtores, em particular da soja.

É sob a égide da redução do poder de compra e de maior restrição de crédito tanto público quanto privado que os agricultores brasileiros se preparam para o plantio da próxima safra de verão.

Tendo em vista esse cenário, apresentamos o comportamento mais provável da área a ser plantada nas principais lavouras de verão no Brasil.

### *Soja*

A tendência na soja é de redução generalizada de área plantada, mas com forte concentração na região dos cerrados. Nos estados de Mato Grosso do Sul, Goiás, Mato Grosso e cerrado mineiro a restrição de crédito privado será o grande limitador de plantio, com reduções médias na faixa de 14%.

O Rio Grande do Sul sofrerá mais pela redução do poder de compra, já que a seca afetou drasticamente a produção, reduzindo a renda dos sojicultores no estado. As demais regiões produtoras terão reduções menores, graças à ótima situação de liquidez com que conta a soja, casos de Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Oeste da Bahia. No total espera-se uma redução de 9,8% da área a ser plantada com soja, correspondendo a 1,271 milhão de hectares.

### *Milho*

A tendência no caso do milho é de aumento de área em todas as regiões produtoras. As vendas do setor sementeiro até agosto apontavam grande procura de híbridos de alta tecnologia. Espera-se recuperação de área plantada principalmente em regiões tradicionais no plantio de milho, como o Sudoeste de Goiás e o Norte do Paraná, que plantaram muita soja nos últimos anos em função dos altos preços que essa leguminosa alcançou.

Espera-se que continue a melhoria do perfil tecnológico de produção de milho entre mini e pequenos produtores na região Sul, graças à expansão dos recursos do Pronaf. Com os baixos preços da soja, ganham força os argumentos técnicos da rotação de cultura. Na região Centro-Oeste o tamanho da expansão do milho estará diretamente relacionado à oferta de crédito público. No total espera-se uma expansão de área de 5,7% no Brasil, o que representaria uma área de aproximadamente 550 mil hectares.

### *Arroz*

Para a lavoura de arroz espera-se uma retração da área plantada no Rio Grande do Sul, principal estado produtor, em função da queda dos preços ao longo da comercialização da safra deste ano.

Além da pressão da boa oferta do próprio estado, os rizicultores gaúchos enfrentaram mais cedo a forte concorrência dos produtores argentinos e uruguaios, que normalmente só atuavam no mercado brasileiro no período de entressafra.

A queda dos preços deflagrou novamente os recorrentes problemas de inadimplência em relação ao crédito público, que certamente voltará a ser reduzido este ano. Para os estados produtores do Centro-Oeste, em particular no Mato Grosso, espera-se crescimento de plantio sobre áreas anteriormente destinadas à soja. Isso deve ocorrer em função da boa aceitação comercial das novas variedades de arroz de sequeiro plantadas na região, que apresentam características muito próximas do arroz agulhinha gaúcho, plantado com irrigação. No total espera-se uma expansão de 2,9%, correspondendo a cerca de 113 mil hectares.

### *Algodão*

A lavoura de algodão deve apresentar o maior crescimento relativo de área na próxima safra. Entretanto esse crescimento se dará apenas na região Centro-Oeste, já que as áreas plantadas no Paraná e em São Paulo devem continuar sendo reduzidas.

No Mato Grosso espera-se expansão da área dos atuais produtores e incorporação de novos produtores oriundos do plantio da soja. Em Goiás espera-se recuperação de áreas que haviam abandonado a cultura por conta de problemas fitossanitários, em boa medida superados. O quanto se confirmará essa forte tendência de crescimento vai depender do volume

de crédito público disponibilizado e do nível dos preços praticados nas operações de compra antecipada. Prevê-se um aumento de área de 17,5%, correspondendo a cerca de 121 mil hectares.

## *Feijão*

Os baixos preços praticados no mercado de feijão atualmente e a significativa elevação de custos de produção determinarão uma redução de área plantada nas principais regiões produtoras. Mesmo a recente recuperação dos preços no final de agosto não deve ser suficiente para reverter a tendência de queda de área plantada.

Mais uma vez existe perspectiva de queda de área no Nordeste, que este ano havia se recuperado e contribuiu para o enfraquecimento do mercado na região Centro-Sul, já que praticamente não houve necessidade de transferência de feijão dessa região para atender o consumo nordestino. No total a área deve recuar 11,4%, correspondendo a 295 mil hectares.

Estima-se um recuo de 1.271 mil hectares na soja e de 295 hectares mil no feijão que seriam compensados em parte por aumentos de 554 mil hectares de milho, 113 mil de arroz e 121 mil de algodão. Ou seja, a área a ser plantada com as principais lavouras de verão estaria sendo reduzida em aproximadamente 778 mil hectares, o que equivale a 2,6% da área total da safra de verão 1998/1999.

## *Safra menor*

A redução de área pode não corresponder a uma redução equivalente na produção de grãos, pois a maior parte da área de soja que deixará de ser plantada vai ser aproveitada com milho, arroz e algodão de alta tecnologia, que em geral apresentam produtividades médias maiores que a soja. A produção de grãos por hectare poderia até crescer, compensando em parte a queda da área plantada.

Entretanto existe uma tendência à redução do uso de tecnologia, decorrente dos problemas de financiamento. A maior restrição deve ocorrer no uso de fertilizantes e defensivos, o que potencializa o risco climático. Uma lavoura bem conduzida do ponto de vista tecnológico enfrenta obviamente de forma bem melhor as adversidades provocadas pelo clima, o que certamente não será o caso das lavouras a serem plantadas este ano.

Tendo em vista uma provável redução da produtividade da maioria das lavouras, espera-se diminuição de cerca de 217 mil toneladas de grãos na colheita da safra de verão, o que corresponde a menos 0,3% sobre o total produzido na safra anterior. A menor oferta agrícola no início do ano 2000 certamente trará reflexos sobre importantes variáveis macroeconômicas como nível de atividade (PIB), inflação e saldo comercial.

## *Preços: timidez*

O risco de o não crescimento da oferta agrícola comprometer o cumprimento das metas inflacionárias a que se propõe o governo está diretamente associado à ocorrência ou não de adversidades climáticas. Se o clima não interferir, as chances de as tendências acima se confirmarem são grandes, e a oferta de alimentos, se não crescer, pelo menos não desabará.

Como há uma tendência de maior oferta de produtos mais voltados ao mercado interno em detrimento daqueles mais voltados à exportação e as chances de aumentos nominais de salários num ambiente de desemprego alto são pequenas, a pressão sobre os preços também deve ser pequena.

Do mercado externo espera-se recuperação tímida de preços, sem perspectivas de recuperar os mesmos níveis de 1998. A inflação portanto não sofreria impacto altista advindo da agricultura, o que é positivo; por outro lado, a agricultura não promoverá condições de compensar eventuais quedas de salários reais da camada de renda mais baixa da sociedade como tem acontecido ao longo de todo o Plano Real.

## *Como fica a balança comercial*

Já para o comportamento da balança comercial, variável importantíssima na nova conjuntura pós-desvalorização, a agricultura não poderá promover a ampliação das exportações no nível desejado e esperado pelos formuladores de política econômica. Mesmo com a perspectiva de pequena recuperação de preços das *commodities*, não haverá espaço para saltos de saldo, uma vez que o *quantum* ficará prejudicado pela menor produção de excedentes exportáveis.

A redução de importação de produtos agrícolas, que já iniciou em 1999 trajetória declinante, deve continuar em queda no ano 2000. Estima-se portanto uma ampliação de superávit comercial agrícola de apenas US$1 bilhão em relação ao saldo a ser obtido em 1999.

## *Nível de atividade*

Em relação ao nível de atividade – indicador econômico em que a agricultura vem sendo um dos destaques em 1999, pois além de apresentar números crescentes de PIB agropecuário também tem influenciado positivamente os setores da indústria e de serviços –, também devemos colher resultados insatisfatórios. Em 1999 devemos fechar o ano com crescimento entre 4% e 5% no PIB agropecuário, enquanto para 2000 esse número estaria mais próximo de zero para as lavouras e em 2% para a pecuária.

Além desses reflexos macroeconômicos, a manutenção da oferta agrícola no mesmo patamar de 1999 deve ter efeitos setoriais desfavoráveis, pois dificilmente haverá incremento no poder de compra dos agricultores no ano que vem. A renda agrícola deve permanecer na melhor das hipóteses estável, os custos de produção também tendem à estabilidade e a produtividade não deve crescer. Ou seja, não haveria capacidade de investimento originado no próprio setor capaz de financiar o plantio de uma safra substancialmente maior no ano seguinte.

A estagnação da produção agrícola junto com a não ampliação da renda no setor estabelece uma descontinuidade no processo de recapitalização experimentado entre 1996 e 1998. Isso põe em risco o processo de equacionamento do estoque de dívidas do setor e sua capacidade de captar financiadores no mercado.

É uma questão que fica em aberto para os formuladores de política econômica. Sempre que surge um problema em relação ao fluxo de renda na agricultura, cria-se ambiente político para reivindicações de revisão do estoque das dívidas dos agricultores. Ou seja, cuidando-se da manutenção de um bom fluxo de geração de renda no setor, além de colher todos os benefícios setoriais e macroeconômicos que a agricultura permite, evitam-se também desconfortos políticos e fiscais relativos ao estoque de dívidas.